



Paidéia

ISSN: 0103-863X

paideia@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Moreira Squarça Cabral, Fábila; Vivan de Carvalho, Maria Aparecida; Mancini Ramos, Rosângela

Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar

Paidéia, vol. 14, núm. 29, diciembre, 2004, pp. 327-335

Universidade de São Paulo

Ribeirão Preto, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305425355008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**DIFICULDADES NO RELACIONAMENTO PROFESSOR /ALUNO:
UM DESAFIO A SUPERAR¹**

Fábia Moreira Squarça Cabral²

Escola Estadual Machado de Assis - Londrina

Maria Aparecida Vivan de Carvalho

Universidade Estadual de Londrina

Rosângela Mancini Ramos

Escola Evangélica de Londrina

Resumo: O relacionamento professor - aluno é um tema que vem sendo investigado, através de diferentes estratégias metodológicas. Este trabalho trata a questão a partir da visão dos atores que participam do processo de ensino e aprendizagem, tendo por base professores e alunos de uma 8ª Série, de uma escola estadual da região de Londrina, Paraná, que responderam a um questionário, elaborado com questões abertas. Um estudo comparativo entre as informações fornecidas pelos dois grupos de participantes elucida momentos de tensão e de entrosamento entre estes personagens que constroem e reconstroem vivências e experiências capazes de expor valores e modos de vida. A luta pela sobrevivência de objetos alvo da escola, a aprendizagem e o conhecimento, é de interesse de todos, que consciente ou inconscientemente, participam do processo em busca de um caminho harmônico de convivência e crescimento.

Palavras-chave: Relacionamento Professor/aluno; Fatores Intervenientes; Processo ensino-aprendizagem.

**DIFFICULTIES IN TEACHER/STUDENT RELATIONSHIP:
A CHALLENGE TO BE OVERCOME**

Abstract: Teacher-student relationship is a subject that is investigated using different methodological strategies. This essay is about the teacher/student relationship under the view of actors who participate in the teaching and learning process, and the focus are the professors and students of one 8th grade class, in a state school in the region of Londrina, Paraná, who answered to a questionnaire of open questions. A comparative study of the data collected from the two groups of participants shows moments of tension and adaptation among them, which build and rebuild knowledge and life experiences that will expose values and ways of living. The striving for the survival of the target objects of the school, the learning and the knowledge, is of everyone's interest who, aware of it or not, takes part in the process of searching for a nice living and growing way.

Key-words: Teacher/student relationship; interfering factors; teaching-learning process.

No novo século que se inicia, constata-se a vivência de uma crise que atinge todos os segmentos sociais. A qualidade no ensino tem ocupado, nos últimos anos, um lugar de destaque seja no discurso de agentes da educação, como na agenda de políticos, sendo o bom relacionamento professor/aluno um dos principais elementos discutidos garantia da qualidade, sobretudo dos ensinos fundamental e médio, mas

também do superior.

No decorrer da vida profissional, o professor verifica que o relacionamento entre ele e o aluno mostra-se um fator primordial no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, com destaque para a questão da disciplina em sala de aula. Por outro lado, professor e aluno parecem divorciados: o professor sente dificuldade em estar se relacionando com os alu-

¹ Artigo recebido para publicação em 18/02/2004; aceito em 03/11/2004.

² Endereço para correspondência: Fábila Moreira Squarça Cabral, Rua Mato Grosso 1767, Ap. 502, Centro, Londrina, PR, 86010-180, E-mail: fabiasq@terra.com.br

nos de forma aberta e conveniente; alguns são autoritários e tradicionais, desejam que os alunos sejam disciplinados, seguindo um currículo pré-estabelecido. Conforme Fleuri (1997), a prática pedagógica autoritária acaba gerando situações de conflito, prejudicando o relacionamento de professor e aluno. O primeiro faz da sala de aula um local onde tudo é estabelecido por ele e pelas normas da instituição, acatadas passiva e comodamente, vendo o aluno como um receptor de conhecimentos; neste caso não há espaço para discussão, nem momento para esclarecimento de dúvidas.

Para Freitas (1998), “a professora se comporta como se fosse a proprietária da sala de aula, bem como de tudo que está ali dentro: mesa, quadro, giz e, inclusive, os alunos. É por isso que ela se sente no pleno direito de manipulá-los conforme sua vontade”.(p.74).

Num modelo tradicional de ensino, o professor na sala de aula ensina e dá ordens e os alunos aprendem e obedecem. Zagury (1999) deixou bem claro isso, ao mencionar que a teoria educacional subjacente é que “quando o professor ensina, os alunos aprendem, ou seja, aprender era considerado consequência inevitável do ensinar” (p.9). Nesse sentido pode-se dizer que o professor quebra a possibilidade de um relacionamento harmonioso entre ele e o aluno, e se este não se adapta ao controle, ele é considerado rebelde, indisciplinado, quando na verdade pode ser apenas uma forma de não aceitação de imposições estabelecidas pelo professor e pela escola. Há um distanciamento entre professor e aluno no que diz respeito à subjetividade, sendo que, muitas vezes, as relações são mecânicas, ritualistas e sem vida.

Fernandez (1991) menciona que “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos”. Segundo a autora, para chegar a uma aprendizagem efetiva deve haver um ensinante e um aprendente e, entre eles, um relacionamento. Quando há um fracasso na aprendizagem, é preciso pensar sobre estas situações, pois o problema pode estar no professor, na escola, nos pais e não exclusivamente no aprendente.(p.47).

Deveria haver um equilíbrio das duas partes: o aluno respeitando o professor como autoridade em sala de aula e, o professor respeitando o aluno como ser humano em processo de aprendizagem, formação de

valores e construção de novos conhecimentos.

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o relacionamento professor/aluno em uma instância específica: uma escola pública da cidade de Londrina. Também foi intenção do trabalho resgatar as experiências positivas e negativas relativas ao assunto em foco, na visão de professores e alunos.

Justifica-se a realização da investigação pelo fato de uma das autoras ser docente da instituição alvo da pesquisa e estar acompanhando manifestações sobre problemas referentes ao relacionamento interpessoal nas turmas de 8ª série, tanto por parte de professores, quanto de alunos.

A construção da proposta metodológica

Para a realização desta pesquisa, de caráter exploratório-crítico, optou-se pelo estudo de caso, pois se trata de um estudo realizado em uma entidade única, uma representação singular da realidade. A este respeito, Lüdke e André (1992) dizem que o ‘caso’ constitui uma unidade num sistema mais amplo e neste particular ele se destaca. As autoras dizem que o pesquisador procura descobrir, numa determinada situação, a multiplicidade de dimensões presentes. Com questões orientadoras, fontes da literatura e da prática vivenciada em sala de aula foram elaborados dois questionários: um para os alunos com questões abertas e fechadas e, um para os professores com questões abertas.

Foram alvo da pesquisa 76 alunos regularmente matriculados em duas turmas de 8ª série - ensino fundamental, sendo que 57 estavam presentes no dia da aplicação do instrumento; e os questionários foram entregues aos 10 docentes que ministram aulas para as referidas turmas, sendo que 6 deles devolveram o instrumento devidamente preenchido. Optou-se por uma metodologia qualitativa, valorizando a fala dos sujeitos, através do estabelecimento de categorias de análise. A escolha foi de uma metodologia que trabalhe com significados, valores e atitudes, no intuito de apreender e compreender a questão tema deste estudo, que vai, aos poucos, se configurando num mundo de ações e relações humanas. Os dados quantitativos serviram de base e direcionamento para as análises.

Resultados

Relacionamento professor/aluno na visão do aluno

Participaram do trabalho 57 alunos das turmas de 8ª série, sendo 25 (44%) do sexo feminino e 32 (56%) do sexo masculino, com idades que variaram de 13 a 17 anos, e 39 alunos (68%) com idade entre 13 e 14 anos.

Em relação à pergunta de como consideram suas aulas hoje:

- a) 24 alunos (42,1%) responderam que são úteis e aprenderam muito;
- b) 15 alunos (26,3%) responderam que são inúteis, porém aprenderam alguma coisa;
- c) 6 alunos (10,5%) consideraram as aulas inúteis e referiram que não aprenderam nada;
- d) 10 alunos (17,5%) afirmaram que as aulas são úteis, porém não aprenderam nada;
- e) 2 alunos (3,5%) não utilizaram estas alternativas: um respondeu que as aulas são úteis e aprendeu um pouco e, outro aluno respondeu que às vezes aprende, às vezes não.

Sobre o aspecto de como o professor reage frente a pontos de vista dos alunos, observou-se que:

- a) 42 alunos (73,7%) informaram que o professor às vezes aceita a opinião do aluno;
- b) 12 alunos (21%) afirmaram que o professor geralmente aceita a opinião do aluno;
- c) 3 alunos (5,3%) citaram que o professor nunca aceita a opinião dos alunos.

Verificou-se que as maiores dificuldades no relacionamento entre professor e aluno são: a falta de respeito mútuo, a falta de compreensão do professor, a falta de atenção e de interesse do aluno, quando o professor “pega no pé”, a falta de incentivo, falta de diálogo, quando o professor não explica o suficiente, quando tem dificuldade para ensinar, quando “desconta” seus problemas nos alunos, a falta de atenção do professor para com o aluno, quando há conversa durante a aula, quando o aluno tem vergonha de falar com o professor, autoritarismo do professor. 3 alunos (5,3%) não responderam a questão de acordo com a pergunta, 3 alunos (5,3%) deixaram a questão em branco e 1 aluno (1,7%) não vê nenhuma difi-

culdade neste relacionamento.

Questionados sobre os fatores que facilitam o relacionamento entre professor/aluno, foram obtidas as seguintes respostas: um bom diálogo; relacionamento por igual; a disciplina; a amizade entre ambos; quando o aluno estuda, escuta o professor, presta atenção, faz tudo o que o professor manda, resolve exercícios, faz as tarefas, tira nota boa, se interessa com relação ao conteúdo, respeita o professor, se esforça em aprender; o fato do professor: ser simpático, entender o aluno, dedicado em sua função, ser educado, dar atenção ao aluno, ser humilde, estar disposto a ajudar o aluno, esclarecer a matéria, demonstrar confiança no aluno.

Na pergunta se na relação com os alunos, os professores usam de autoridade ou autoritarismo, verificou-se que:

- a) 15 alunos (26,3%) responderam que os professores usam de autoridade e conseguem disciplinar a turma;
- b) 22 alunos (38,6%) citaram que os professores usam de autoritarismo e assim conseguem disciplinar a turma;
- c) 11 alunos (19,3%) anunciaram que os professores, mesmo usando de autoridade, não conseguem disciplinar a turma;
- d) 9 alunos (15,8%) alertaram para o fato de que mesmo usando de autoritarismo, os professores não conseguem disciplinar a turma.

Questionados se o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam, os alunos assim se expressaram:

- a) 20 alunos (35,1%) – o professor sempre demonstra preocupação de que os alunos aprendam;
- b) 11 alunos (19,3%) – nunca o professor demonstra essa preocupação;
- c) 15 alunos (26,3%) – ocasionalmente o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam;
- d) 10 alunos (17,5%) – raramente o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam;
- e) 1 aluno (1,7%) deixou a questão em branco.

Dos alunos que responderam que o professor nunca se preocupa com a aprendizagem, houve cita-

ção de que há quem diga algo do tipo: “já estão formados, por isso não dão a mínima”, “admitem que não é problema deles”.

Indagados se o professor procura ajudar os alunos que têm mais dificuldade na aprendizagem, as respostas obtidas foram:

- a) 20 alunos (35,1%) – dizem que raramente o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade;
- b) 17 alunos (29,8%) – falaram que ocasionalmente o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade;
- c) 15 alunos (26,3%) – afirmaram que sempre o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade;
- d) 5 alunos (8,8%) – nunca o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade.

No tocante à investigação sobre se o professor responde às perguntas dos alunos, verificou-se que:

- a) para 21 alunos (37%) – o professor sempre responde;
- b) para 33 alunos (58%) – o professor às vezes responde, às vezes não;
- c) para 2 alunos (3,5%) – o professor nunca responde;
- d) 1 aluno (1,7%) não assinalou as alternativas propostas, especificou por disciplinas.

Sobre se o professor é acessível ao aluno, verificou-se que para:

- a) 42 alunos (73,7%) – raramente o professor é acessível ao aluno;
- b) 13 alunos (22,8%) – o professor sempre é acessível ao aluno;
- c) 1 aluno (1,7%) – o professor nunca é acessível ao aluno;
- d) 1 aluno (1,7%) – não assinalou as alternativas propostas, especificou por professor.

No que se refere à pergunta, se o professor é sensível (tem consideração) com relação aos problemas gerais extra-classe dos alunos, os discentes assim se manifestaram:

- a) para 26 alunos (45,6%) – o professor parece ser insensível aos problemas extra-classe dos alunos;
- b) para 8 alunos (14%) – o professor leva em conta

os problemas extra-classe dos alunos;

- c) para 23 alunos (40,4%) – raramente o professor leva em conta os problemas extra-classe dos alunos.

Quando se pediu para citarem uma experiência positiva e uma experiência negativa de relacionamento com os professores, os alunos narraram diversas situações.

Experiências positivas

Quando: a aula é boa; a realização de provas de recuperação; o fato de aprender muito com o professor; quando o professor, além de ensinar a matéria, conta piadas e brinca com os alunos; quando o professor manifesta-se preocupado com os problemas dos alunos; a aceitação de proposta de alunos; o fato do aluno se interessar por determinada disciplina; gostar dos professores, pois eles ensinam sobre tudo; quando o professor dá atenção aos alunos que precisam; quando o professor discute a matéria até através de um “bate-papo” ou uma “prosa”; o fato do aluno conseguir entender a matéria; quando o professor esclarece as dúvidas.

Experiências negativas

Quando: há agressão entre professor e aluno; o professor está estressado; o aluno pede outra explicação da matéria e o professor não dá; o professor não mostra preocupação com os alunos; o professor expulsa o aluno da sala de aula; há falta de compreensão do professor; há problemas com a direção do colégio; as aulas são monótonas; as aulas precisam ser inovadas, mas com ordem na sala; o professor pede com frequência para o aluno fazer e corrigir exercícios (torna-se muito cansativo); quando o aluno não consegue entender a matéria; o professor não considera questões na prova do aluno; o professor marca prova e pede questões que não foram anunciadas; o professor marca trabalho e não cobra; há discussões (brigas) entre professor e aluno.

A experiência positiva não foi indicada por 22 alunos (38,6%) e, 14 alunos (24,6%) deixaram a ques-

tão sobre a experiência negativa em branco.

A visão de professores sobre situações que envolvem o relacionamento entre eles e o aluno, será apresentada a seguir.

Relacionamento professor/aluno na visão dos professores

Os seis professores participantes da pesquisa foram identificados de P1 a P6, sendo cinco do sexo feminino e um do sexo masculino; as idades variaram de 26 a 56 anos, prevalecendo a faixa etária dos 30 anos.

Verificou-se que as maiores dificuldades que o professor sente em se relacionar com os alunos ocorrem devido aos fatores:

- indisciplina (P1, P2, P3); “linguagem” (divergências na comunicação entre aluno e professor) (P4); “indisciplina, falta de interesse e falta de objetivos dos alunos” (P5); pais afastados da vida escolar - “é preciso trazer a família dos alunos para a vida escolar, fazê-los entender que seus filhos precisam perceber que eles estão por perto, acompanhando e apoiando” (P6).

Questionados se usam de autoridade ou autoritarismo em sala de aula, os professores afirmaram que: “o diálogo é a melhor solução para os problemas que surgem” (P1); “muitas vezes uso do autoritarismo para dominar a sala, pois só assim os alunos colaboram” (P2); “às vezes é preciso usar o autoritarismo” (P3); “uso de autoridade; procuro junto com os alunos encontrar um caminho mais apropriado para o acesso ao conhecimento” (P4); “autoridade, pois o autoritarismo não funciona” (P5); “autoridade, pois o professor que usa de autoritarismo geralmente é arrogante, prepotente e busca impor suas opiniões e decisões, o professor que age com autoridade demonstra bom senso, respeita a opinião dos alunos, tem domínio do assunto e dessa forma conquista a confiança e o respeito dos alunos” (P6).

Em se tratando da questão: “como você vê o papel do professor em sala de aula?”, constatou-se que: “é fundamental, é a mola mestra no processo educacional” (P1); “infelizmente, do papel de transmissor de conhecimento ou educador, passou a ser o de pais, psicólogos, etc” (P2); “o professor está sem estímulo para ensinar” (P3); “como colaborador na

transmissão do conhecimento” (P4); “formar cidadãos” (P5); “como mediador no processo de aquisição/apreensão de conteúdos” (P6).

Sobre o aspecto de como o professor vê o papel do aluno em sala, os resultados foram: “a figura principal do processo educacional (sem aluno não há professor)” (P1); “falta compromisso e respeito ao próximo” (P2); “o aluno está dispersivo, sem interesse, sem objetivos” (P3); “como um sujeito da aprendizagem sistemática” (P4); “simples espectador, assistir às aulas e tentar aprender” (P5); “o aluno está na sala de aula, para com a mediação do professor, construir seus conhecimentos” (P6).

Indagados se acham que com democracia conseguem ensinar melhor, os professores responderam que: “a maneira como o professor impõe sua autoridade em sala, influi na disciplina e rendimento dos alunos” (P1); “sim, mas de maneira justa” (P2); acha que sim, pois “tudo vem pronto, e o professor está sem voz e sem vez” (P3); “qual democracia? Que tipo? Porque nunca vivemos um período tão autoritário na educação como estamos vivendo hoje” (P4); “sim, desde que a democracia venha de cima; parta do governo até chegar aos alunos” (P5); “a democracia é fundamental para o funcionamento da sociedade; nesse sentido torna-se primordial na sala de aula para formação de opinião, tornar o aluno um cidadão consciente; fazê-lo compreender e respeitar a opinião alheia” (P6).

Quanto à situação cultural e à formação do professor eles certificaram que: “está dentro dos parâmetros exigidos” (P1); “procura aperfeiçoar-se de acordo com suas condições financeiras” (P2); “está sem tempo disponível para melhorar” (P3); “está deficitária, há acúmulo de serviço e faltam recursos” (P4); “está razoável, falta motivação do professor para investir em cursos e estudos” (P5); “acredita que a formação do professor deve ser continuada; dessa forma, o docente deve procurar ler, estudar, frequentar cursos relacionados à educação” (P6).

Quanto a sua opinião se os alunos têm respeito por eles e pela escola, a maioria (83,3%) respondeu que não, porém com algumas observações: “nem o próprio Estado tem respeito pelos alunos, pelos professores e pela escola” (P4); “os alunos não valorizam tudo o que a escola tem para oferecer” (P5); “infelizmente nossos alunos não estão conscientizados

da importância do convívio na escola com as pessoas, incluindo-se os professores” (P6). Salienta-se que um professor afirmou que os alunos têm respeito pelos professores e pela escola, pois está dentro dos parâmetros exigidos.

Os professores dizem que estão preparados para conviver com os alunos, porém 5 deles ressaltaram que: “nunca tive problemas sérios com os alunos” (P1); “procuro estar preparado, mas acabo me desgastando com o comportamento dos alunos” (P2); “com alunos considerados normais e não com alunos com problemas de drogas, sexo, problemas sérios de família” (P3); “como educador estou sempre preparado para conviver com pessoas; a questão é que as crianças e adolescentes estão vivendo em uma sociedade consumista e desumana, onde valores de vida são menosprezados” (P4); “o professor tem que se adaptar à realidade do mundo, conversar sobre tudo” (P5).

Frete às situações abaixo expostas, os professores assim se manifestaram:

- a) **Com relação a esclarecer dúvidas dos alunos:** “volto a explicar o conteúdo aplicado” (P1); “procuro esclarecer quantas vezes for necessário” (P2); “procuro sanar, se não estiver ao meu alcance sugiro que ambos pesquisem para sanar a dúvida” (P3); “procuro resolvê-las” (P4); “tento saná-las” (P5); “levanto outro questionamento para induzir os alunos à reflexão, buscando dessa maneira, fazer com que os alunos encontrem as respostas” (P6).
- b) **No tocante à indisciplina em sala de aula:** “uso o diálogo” (P1); “tento controlar a turma, chamando os pais para a responsabilidade; quando não consigo, ameaço com a nota, com advertência e que os pais serão chamados” (P2); “tento conversar, convencer o aluno que ele está perdendo conteúdo; quando não resolve, encaminho o mesmo para a orientação educacional” (P3); “tento entrar num acordo com os alunos. Para ter mais disciplina, chamo-os para a responsabilidade” (P4); “tento ser amiga dos alunos indisciplinados para chegarmos a um acordo” (P5); “tento resolver os problemas em sala de aula, por meio de conversas e conselhos; os casos mais graves são encaminhados à orientação educacional” (P6).
- c) **Em se tratando de alunos com dificuldades**

de aprendizagem: “os alunos vão evoluindo gradativamente” (P1); “comunico à supervisão, que comunica aos pais para se tomar providências” (P2); “procuro dar uma atenção maior a esse aluno com dificuldade” (P3); “procuro utilizar meios alternativos, como vídeo” (P4); “procuro dar atenção especial, explicação individual” (P5); “acompanhamento mais próximo e pedido de apoio da família” (P6).

- d) **No que se refere aos alunos com problemas extraclasse:** “o diálogo é a melhor solução” (P1); “comunico à supervisão, que entra em contato com os pais para tomarem as providências necessárias” (P2); “procuro conversar, saber das dificuldades dos alunos; tento ajudá-los a encontrar soluções para seus problemas” (P3); “procuro ajudar no que for possível; entretanto, em uma escola pública acho que deveria ter uma equipe multidisciplinar (psicólogos, assistentes sociais, entre outros profissionais)” (P4); “converso, troco idéias” (P5); “nesse caso, acho prudente convidar o responsável pelo aluno a estar mais presente na vida escolar” (P6).

Com relação à pergunta: “o que significa para você o ato de ensinar?”, foram obtidas as seguintes respostas: “transmitir algo novo, diferente daquela cultura que o aluno já possui; aprendemos muito com os alunos” (P1); “educar para a vida” (P2); “formar, moldar o caráter para a formação de cidadãos críticos e conscientes” (P3); “construir uma sociedade melhor que a atual” (P4); “formar” (P5); “não acredito que haja o ato de ensinar, mas um compromisso com a descoberta que o aluno faz, a cada oportunidade que surge na sala de aula” (P6).

Os professores relataram experiências positivas e negativas no relacionamento com os alunos.

Experiências positivas

Ver a alegria estampada no rosto dos alunos ao se encontrarem fora da escola; a colaboração, o interesse e a participação dos alunos nas atividades propostas; a elaboração de um vídeo sobre a história da escola (foi uma experiência positiva que de início foi rejeitada pelos alunos); a amizade e a admiração dos

alunos. Informa-se ainda que 1 professor (16,7%) afirmou que mantém sempre experiências positivas com os alunos e 1 professor (16,7%) deixou a questão em branco.

Experiências negativas

Quando os alunos atrapalham a aula; discussões com alunos em sala de aula, devido à indisciplina; o fato de “não ter entrado em contato com a família de um aluno e assim, deixado de perceber que o fracasso na aprendizagem era consequência de sérios problemas familiares” (P6); rejeição dos alunos ao desenvolvimento de determinadas atividades propostas pelo professor. A questão não foi respondida por 2 professores (33,4 %).

Desvelando opiniões, sentimentos e valores

A maior dificuldade de relacionamento entre professor e aluno, na visão do professor é a falta de disciplina dos alunos. Vale ressaltar que eles apontaram outras dificuldades, porém todas originadas, exclusivamente, pelos alunos.

As respostas dos alunos foram bastante diversificadas, entretanto, indicaram dificuldades tanto por parte do professor quanto deles. Os alunos reconhecem suas falhas e ações negativas em sala de aula, mas não se preocupam em reverter este quadro.

Para os alunos, os professores usam de autoridade e conseguem disciplinar a turma; três professores referem-se ao uso de autoridade e dois afirmam usar de autoritarismo, como única maneira de fazer os alunos colaborarem com a disciplina em sala de aula.

Segundo Davis citado por Carvalho (1997), “ao contrário do que muitos professores podem pensar, negociar, buscar normas que satisfaçam o coletivo e que contemplem a relação professor/aluno não significa abrir mão da autoridade. Significa apenas abrir mão do autoritarismo”.(p.36).

Nesse sentido, Grillo apud Sant’Ana (1979) elucida que o estabelecimento de um clima favorável, caracterizado por uma série de comportamentos de professores e alunos, constitui-se numa verdadeira chave para os problemas que geralmente acompanham os professores. O clima dispõe-se de acordo com o comportamento dominador (autoritário) ou

integrador (democrático) do professor. Também são importantes a quantidade e a qualidade das interações. Muitas vezes o professor deixa o diálogo fora da negociação, pensando que sua autoridade pode se tornar abalada.

É possível uma forma harmônica de melhorar relacionamento entre professor e aluno, atraindo a atenção do aluno para a matéria, num contexto mais próximo da realidade vivenciada no dia-a-dia. Nesse sentido, Vasconcellos (2001) faz o seguinte alerta: “o autêntico professor é aquele que necessariamente faz memória, recorda os mitos, os sonhos, as utopias e as tradições, as aprendizagens do passado, a cultura, ao mesmo tempo em que analisa o presente e projeta o futuro”.(p.57).

Esse autor relata ainda que o professor deve trabalhar com a realidade que tem em sala de aula; “não adianta ficar se lamuriando, entrando em escapismos. São estes os alunos e com eles têm de trabalhar; é esta a escola, é este o país”, assinala Vasconcellos (2001, p.67).

Vale destacar que, apesar de todas as contingências trazidas pelo processo de globalização, os professores ainda encontram disposição para dar atenção especial aos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e, quando necessário, encaminhá-los à supervisão escolar e pedir apoio da família. Neste contexto, os alunos percebem as demonstrações de preocupação dos professores no sentido de que eles aprendam e reconhecem que ajudam os alunos que têm dificuldades na aprendizagem. Para este tipo de caso Vasconcellos (2001) apresenta um rol de possibilidades de práticas concretas que podem ser utilizadas, tais como: roteiro de orientação de estudo para fora da sala de aula, atendimento durante as atividades em sala; adequação do nível de dificuldade para possibilitar o sucesso do aluno e o resgate de sua autoestima; o uso de metodologias interativas em sala de aula, entre outras.

A nova geração está envolvida em intensos processos de transformação. Estariam os educadores acompanhando as mudanças que afetam esta nova geração? Alguns com certeza, outros procuram estar e, outros permanecem “tradicionais”. Dir-se-ia que a educação deste novo milênio exige a formação de educandos como verdadeiros cidadãos. E, em geral, as análises mostraram que enquanto um professor vê

o aluno como “simples espectador”, um agente passivo no processo de ensino-aprendizagem, outro se manifesta no sentido de considerá-lo como um participante ativo do processo de construção de conhecimento. Para os alunos as aulas são úteis e consideram que aprenderam alguma coisa.

Neste contexto, Tiba (1998) alerta para o fato de que “é inútil esperar que um aluno queira aprender algo que não lhe seja útil. O que realmente acontece é que o aluno não sabe como aplicar o que está aprendendo daí considerá-lo inútil”.(p.53).

Docentes e discentes mostraram o significado do papel do professor e do aluno em sala de aula. Nas respostas dos alunos foi possível perceber que eles sabem qual é o seu papel (manter-se disciplinado, respeitar o professor e se esforçar para aprender) e o do professor (ensinar, tirar as dúvidas, usar de descontração, cumprir os acordos com a turma). Ao analisar as respostas dos professores, verificamos que os alunos não agem como deveriam, pois há falta de respeito, interesse e compromisso. Como afirma Siqueira (2002), “a maior democratização das relações sociais alterou profundamente o comportamento de professores e alunos no ambiente educacional, gerando muitas vezes perplexidades e exaustos”.(p.100).

Os docentes reconhecem a democracia como fundamental para o ensino, porém a questionam, afirmando que “nunca vivemos um período tão autoritário na educação como estamos vivendo hoje” (P4), o que reflete como o ensino está se desenvolvendo atualmente nas escolas.

Mizukami (1986), ao tratar da abordagem tradicional do ensino, afirma que a relação professor/aluno é vertical, sendo que um dos pólos detém o poder decisório quanto à metodologia, conteúdo, avaliação e forma de interação em sala de aula, entre outros. O papel do professor tem sido a transmissão de conteúdo pré-definido, sendo que ao aluno cabe a repetição automática dos dados que a escola forneceu. As relações sociais nesse caso são praticamente suprimidas.

Sob este prisma, Carvalho (1995) evidencia que “nem todos os professores estão preparados para ser educadores conscientes de suas funções. Além do conhecimento específico de sua área, o professor deve ter habilidade para ensinar e educar e, para tal vem um auxílio direto da Educação”.(p.62).

Hoje, vive-se num mundo globalizado, em que as oportunidades são para poucos, somente para uma elite privilegiada, e não há muita opção, como diz Santos citado por Siqueira (2002) “nosso lugar/tempo transcorre em sociedades simultaneamente autoritárias e libertárias”.(p.100).

A educação de uma nova geração é um ensino em que prevalecem trocas e reflexões, em que poder-se-á formar o caráter do cidadão, com um diálogo aberto e franco, favorecendo o compromisso do aluno e do professor na construção de uma nova relação entre estes atores do processo ensino-aprendizagem.

Vale trazer uma citação de Tiba (1998) quando diz que “a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem”.(p.164).

Assim também, um dos professores (P6) menciona na maioria de suas respostas, a importância da presença da família na escola, com participação ativa: “trazer a família dos alunos para a vida escolar, fazê-los entender que seus filhos precisam perceber que eles estão por perto, acompanhando e apoiando”, aspecto também abordado por Gikovate (2001).

A presença e a participação da família na escola são valorizadas, no sentido da realização de um trabalho conjunto visando a formação do aluno, acima de tudo, como ser humano.

Análise conclusiva: Professor e aluno em busca de um caminho possível

O estudo do relacionamento humano, em especial, do relacionamento professor/aluno, trata-se de tema de alta complexidade, pois existem diversos fatores envolvidos na questão, influenciando diretamente os atores principais do processo de ensino e aprendizagem.

A escola pode proporcionar momentos de descontração, com atividades programadas, como por exemplo, gincanas, concursos de talentos, concursos de dança, desenvolvimento de atividades esportivas, envolvendo os professores e os alunos. O intuito é promover um ambiente harmonioso em que seja possível construir um elo de amizade e confiança que se propague para o interior da sala de aula.

É importante pensar na reconstrução de um

relacionamento onde seja prioritária a prática democrática, valorizando o respeito como ponto de destaque da relação. É preciso criar situações onde as práticas por nós desenvolvidas sejam menos excludentes e vislumbrem um futuro melhor, tanto para o professor (menos estressado, mais alegre, mais disposto), como para o aluno (mais confiante e interessado). É preciso encontrar caminhos que conduzam a um relacionamento professor/aluno que contribua para diminuir a massa de excluídos e marginalizados, descontentes e miseráveis.

É preciso provocar o debate, propor leituras, exercitar a dúvida, fazer da escola um espaço rico onde as revoluções se instalem e proporcionem mudanças reais de comportamento e atitudes. É preciso trabalhar com a linguagem, com símbolos, estabelecer a prática do diálogo, acima de tudo, pois o principal papel do professor é educar através do ensino.

O problema de relacionamento professor/aluno identificado nesta escola específica faz parte de uma realidade, e este estudo não será dado por encerrado; outras investigações pertinentes devem ser propostas e executadas, para que se tenham cada vez mais subsídios a fim de explorar ao máximo os entraves presentes nessa relação. Uma das propostas, a partir desta pesquisa, é a constituição de um núcleo de apoio aos professores e alunos, composto por pedagogos e psicólogos, através do qual se inicie um processo de conscientização e comprometimento com uma mudança. Também a realização de palestras sobre a questão em foco, direcionadas a alunos e professores, podem oportunizar momentos de integração, reflexão e debate.

Ao concluir estas considerações, frisa-se a necessidade de o professor assumir diferente postura em relação à educação e às metodologias que procuram articular o processo de ensino-aprendizagem com o de mudanças sociais que assolam o dia-a-dia de todos nós, professores e alunos.

Referências Bibliográficas

- Carvalho, M.A.V. (1995). Relação professor/aluno: Fatores intervenientes tendo em vista a aprendizagem. *Semina*, 16, Ed. Especial, 57-65.
- Carvalho, P. (1997). A indisciplina nossa de cada dia. *Educação*, 23(193), 34-41.
- Fernandez, A. (1991). *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: ARTMED.
- Fleuri, R. M. (1997). *Educar para que?* Contra o autoritarismo da relação pedagógica na Escola. São Paulo: Cortez.
- Freitas, L. B. L. (1998). *A produção da ignorância na escola: uma análise crítica do ensino da língua escrita na sala de aula*. São Paulo: Cortez.
- Gikovate, F. (2001). *A Arte de Educar*. Curitiba: Nova Didática.
- Grillo, M. C. (1979). Dimensão social do ensino: interação na sala de aula. Em F. M. Sant'Ana et al. (Orgs.), *Dimensões básicas do ensino*. Rio Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Lüdke, M. & André, M.E.D. (1992). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E. P. U.
- Mizukami, M. G. N. (1986). *Ensino: As abordagens do processo*. São Paulo: E.P.U.
- Siqueira, M. M. (2002). Avaliação docente: implicações éticas. *Avaliação*, 7 (1), 97-105.
- Tiba, I. (1998). *Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor/aluno em tempos de globalização*. São Paulo: Editora Gente.
- Vasconcellos, C. S. (2001). *Para onde vai o professor?* Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad.
- Zagury, T. (1999). Relação professor/aluno, disciplina e saber. *Pátio: Revista Pedagógica*, 2(8), 9-12.